

UMA HISTÓRIA DE AMOR PELA TERRA: O
FENÔMENO LITERÁRIO DE TORTO ARADO –
ENTREVISTA COM ITAMAR VIEIRA JUNIOR

A STORY OF LOVE FOR THE EARTH: THE LITERARY
PHENOMENON OF TORTO ARADO - INTERVIEW WITH
ITAMAR VIEIRA JUNIOR

Natália Souza Noro

Mestranda em Estudos da Linguagem
pelo PPgEL UFRN.

Marta Aparecida Garcia Gonçalves

Doutora em Estudos da Linguagem
pelo PPgEL UFRN.

Resumo: Bibiana e Belonísia, irmãs protagonistas do romance *Torto Arado*, têm suas vidas entrelaçadas por um trágico incidente. O enredo se passa no interior da Bahia, na Chapada Diamantina, uma região que recebeu um contingente grande de trabalhadores, submetidos a situação degradante de trabalho, análoga à escravidão, terra que o escritor baiano Itamar Vieira Junior percorreu como servidor do Incra e que o inspirou a escrever uma história de resistência, de insubordinação social, pela força do povo, pela força da paisagem e das histórias de vida das pessoas que ali habitam: uma verdadeira saga épica, conforme reitera o próprio autor nesta entrevista. O romance é narrado em primeira pessoa por três narradoras, que se alternam, uma em cada um dos três capítulos que compõem o livro, uma força de vozes femininas que vai dar vida e poder à narrativa. É essa narrativa de resistência, intrigante e atemporal, premiada no Brasil e no exterior, que constitui o tema da entrevista realizada com Itamar Vieira Junior.

Palavras-chave: Itamar Vieira Junior, *Torto arado*, narrativas de resistência, escritas da alteridade.

Abstract: Bibiana and Belonísia, the protagonist sisters of the novel *Torto Arado*, have their lives intertwined by a tragic incident. The plot takes place in the interior of Bahia, in Chapada Diamantina, a region that received a large contingent of workers, submitted to a degrading work situation, analogous to slavery, the land that the writer Itamar Vieira Junior from Bahia ranged as a servant of Incra and that inspired him to write a story of resistance, of social insubordination, by the strength of the people, by the strength of the landscape and the life stories of people who live there: a true epic saga, as the author himself reiterates in this interview. The novel is narrated in first person by three narrators, who alternate, one in each of the three chapters that make up the book, a force of female voices that gives life and power to the narrative. It is this resistance narrative, intriguing and timeless, awarded in Brazil and abroad, that constitutes the theme of the interview with Itamar Vieira Junior.

Keywords: Itamar Vieira Junior, *Torto arado*, resistance narratives, alterity writings.

Sentado diante de uma máquina de escrever, um garoto de 16 anos nascido em Salvador, na Bahia, escreve as oitenta primeiras páginas do que viria a ser o romance de maior sucesso de crítica e vendas da literatura brasileira em 2020. Com o tempo, as páginas se perderam, a escrita de menino não teve fôlego, mas a chama da história de duas irmãs e seu amor pela terra nunca se apagou dentro do peito de Itamar Vieira Junior.

Antes que o rio de sua vida fluísse até reencontrar a narrativa que o inspirava desde a infância, Itamar traçou uma trajetória acadêmica na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Na instituição, fez graduação e mestrado em Geografia e doutorado em Estudos Étnicos e Africanos. Em sua pesquisa de doutoramento, intitulada “*Trabalhar é tá na luta’: vida, morada e movimento entre o povo da Luna*, questões relacionadas a comunidades étnicas e regularização fundiária já pautavam seu interesse e paixão acerca da temática principal de seu romance de sucesso.

Hoje, após quinze anos de trabalho como analista do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), o servidor público concilia a carreira com as demandas de ser o escritor vivo mais vendido e premiado do Brasil. A vida de escritor não é uma novidade. Antes de se aventurar na escrita do romance, Itamar publicou duas coletâneas de contos. A primeira delas foi o livro *Dias*, lançado em 2012, pela editora Caramurê. Cinco anos depois, em 2017, ele publica-

ria *A oração do carrasco* pela editora Mondrongo que se tornou finalista na categoria de contos do prêmio Jabuti de 2018, ano este que mudou a vida do escritor baiano a partir da projeção recebida por *Torto Arado*.

Antes mesmo de ser editado e publicado no Brasil, o romance de estreia do autor conquistou um dos mais relevantes prêmios literários de Portugal, o Prêmio LeYa¹. Na ocasião, o presidente do júri, o escritor Manuel Alegre, destacou a qualidade da obra “pela solidez da construção, o equilíbrio da narrativa e a forma como aborda o universo rural do Brasil, colocando ênfase nas figuras femininas, na sua liberdade e na violência exercida sobre o corpo num contexto dominado pela sociedade patriarcal”². Com o reconhecimento internacional, o livro foi lançado no Brasil pela Editora Todavia em 2019 e consagrado como melhor romance pelos prêmios Jabuti e Oceanos em 2020. Até meados de março de 2021, *Torto Arado* já havia alcançado a histórica marca de 100 mil cópias vendidas, de acordo com a *PublishNews*³, e configura como única ficção brasileira entre os 20 livros mais vendidos em território nacional.

Com a reverberação de seu nome, Itamar se tornou referência enquanto escritor, mas mantém a

1 LEYA (ed.). **Vencedor 2018**. Disponível em: <https://www.leya.com/pt/gca/areas-de-atividade/premio-leya/vencedor-2018/>. Acesso em: 16 mar. 2021.

2 Discurso disponível em: <https://www.leya.com/pt/gca/areas-de-atividade/premio-leya/vencedor-2018/>.

3 PUBLISHNEWS (org.). **Lista de Mais Vendidos de Ficção de 2021 - PARCIAL**. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/ranking/anual/9/2021/0/0>. Acesso em: 16 mar. 2021.

brandura e responde aos pedidos de entrevista com o mesmo afeto que reage a admiradores em suas redes sociais. Atualmente também colabora como colunista para a *Folha de São Paulo* e para o jornal *Rascunho*. O premiado autor, no entanto, promete continuar a saga do jovem menino apaixonado por literatura em frente a uma máquina de escrever e anuncia a sequência de mais dois livros que abordam o mesmo amor pela terra que se encontra e encanta os leitores em *Torto Arado*. Esta entrevista nos foi gentilmente concedida por videoconferência no mês de dezembro de 2020, como parte de pesquisa sobre a obra do autor.

Entrevistadoras: Você conta que a ideia para o romance já te acompanhava há muito tempo. Sempre foi seu interesse contar uma história sobre comunidades quilombolas? O que te despertou pra isso?

Itamar Vieira Jr: A primeira coisa foi a minha vida de leitor, eu gosto de literatura desde muito cedo, acho que quando aprendi a ler e escrever. Quando eu tinha uns 15, 16 anos, tive uma professora chamada Terezinha Acioli e ela falava muito dos autores da geração de 30 e 45 com muita paixão, não tinha como a gente não se ver envolvido e enredado naquilo e eu fui ler esses autores. Li todos praticamente: o Graciliano [Ramos], Jorge Amado, a Rachel de Queiroz, o José Lins do Rêgo. Aquelas histórias me marcaram muito e comecei a escrever uma história sobre a terra, sobre duas irmãs e a relação que elas tinham com o pai e com a terra. Claro, não era

uma comunidade quilombola, eu sequer sabia o que era uma comunidade quilombola. Meu pai me deu uma máquina de escrever quando eu tinha 11 anos e depois eu escrevi nessa máquina 80 páginas e aí depois eu não tinha fôlego, nem maturidade para dar continuidade a essa história, era muito novo, e essas páginas se perderam, não sei o que aconteceu exatamente com elas. Mas essa história nunca me abandonou, eu sempre alimentei a vontade de contá-la. E 10 anos depois que eu comecei a escrever, fui trabalhar no estado do Maranhão e foi aí que eu tive o primeiro contato com comunidades quilombolas, ribeirinhas, de trabalhadores assentados, acampados. Eu nasci na cidade, mas meu pai foi criado no campo pelos avós paternos dele e morou até os 15 anos com eles e muito dessa memória do campo ele trouxe pra vida da gente, pra dentro da nossa casa. Nós morávamos num apartamento quando eu era criança e ele não queria, por exemplo, que a gente assoviasse depois das 18h porque dizia que chamava cobra e eu ficava imaginando como é que uma cobra ia subir no edifício, né... Mas era coisa que ele trazia do campo mesmo. E aí eu sempre tive vontade de alimentar essa história, mas eu já tinha uma vida como servidor, depois fui fazer doutorado... Não dá pra você conciliar tantas coisas. Mas eu continuei com essa vontade de contar história e quando terminei o doutorado eu já tinha mergulhado muito nessa pesquisa sobre o mundo rural brasileiro e

me vi livre da obrigação da tese, aí eu disse “agora eu vou escrever”. De fato, muita coisa que eu tinha aprendido e vivido entre os trabalhadores me deu instrumentos para que eu pudesse narrar essa história. Eu costumo brincar que eu trocaria meus títulos acadêmicos todos pela vida entre os camponeses porque eles me deram um mundo muito rico e me fizeram olhar para o Brasil de uma forma diferente, então nada disso seria possível se eu não tivesse conhecido muitos agricultores, trabalhadores rurais e eles tivessem me ensinado muito sobre suas vidas. É claro que *Torto Arado* é uma ficção, mas é uma ficção que só foi escrita, só foi possível, porque eu vivi entre eles.

Entrevistadoras: O livro saiu após sua pesquisa de doutorado realizada no interior da Bahia, que também é o espaço que situa a história. Estar presente nesse local te impactou de alguma maneira para a elaboração da obra, o que de marcante você trouxe dali?

Itamar Vieira Jr. Inspirou muita coisa. Primeiro quando eu imaginei essa história sobre as irmãs e a terra, eu não havia pensado na Chapada Diamantina, não havia pensado numa região específica. Mas por força do meu trabalho como servidor, eu tive que atuar na Chapada e é uma região que tem uma força muito grande: a força da paisagem, a força do povo, a força da história, como aquela região foi ocupada

nos tempos do garimpo, a descoberta do diamante, como as cidades floresceram naquela região, como foi levado um grande contingente de trabalhadores escravizados pra trabalhar ali. Tudo isso era uma saga épica. Eu fiquei imerso nisso e pude viver entre eles por muitos anos. E aquela paisagem ficou impregnada em mim. Todas aquelas espécies que aparecem no romance, da fauna, da flora, a paisagem, é de uma região seca, mas que chove e tem um oásis que são esses marimbus que nunca secam, que são áreas pantanosas com confluência de rios, então é uma paisagem muito específica, muito especial. E aí quando imaginei de novo contar essa história, já imaginava contar a partir da saga das famílias quilombolas que conheci ao longo da minha vida, dessa disputa por terra. Eu vi muita gente morrer nessas disputas, pessoas que conheci e pra mim era uma história que precisava ser contada. Aí juntou as duas coisas: aquela ideia antiga da história que contava o duplo das duas irmãs e a relação que elas tinham com o pai e com a terra e tudo que eu aprendi entre eles. Era mais uma vontade de contar uma história mesmo e, claro, por essa história contar também um pouco do Brasil, né, que o Brasil é mais do que a universidade, é mais do que a nossa vida no espaço urbano, que o Brasil é muitas coisas.

Entrevistadoras: Você aborda um sertão que quase não está presente nas grandes obras da nossa lite-

ratura, comumente retratado como cenário de êxodo por conta da seca. A terra em *Torto Arado* morre, mas também floresce, ela possui vida própria, é um personagem à parte. Como foi formada a construção desse cenário pra você?

Itamar Vieira Jr. O Sertão eu só conheci no tempo da universidade, quando comecei a ter aulas de campo, em Geografia. Embora eu ame essas obras, e eu compreendo, o Ciclo das Secas é intenso e é muito trágico e por isso os romances versam sobre ele, eu vi que o sertão era mais que isso, que o sertão tinha muitas coisas, muitas nuances. E uma das paisagens mais lindas que eu conheço na vida é a caatinga depois da chuva. Ela pipoca verdinha, flores nascem, uma coisa assim, impressionante. O sertão tem os ciclos irregulares de chuva, as estiagens são prolongadas, mas também tem muita vida, muita cor, muito verde. Essa questão da terra, pra mim, sempre foi muito importante. Eu já tive uma queda por obras que falassem dessa relação do homem com a terra. Daí eu encontrei trabalhadores sempre me falando da terra com muito carinho, com muito afeto, com muito amor. Eu já ouvi inúmeros discursos políticos deles, inclusive, em reunião, falando da terra com uma reverência, com uma força e pra mim a terra passou a ocupar esse lugar. Eu fui estudar depois antropologia, muitas etnografias, principalmente de povos originários e cada sociedade elabora o mundo à sua própria maneira, mas existem coisas que são

universais e a ligação deles com a terra é algo que é universal, que cada um vai contar de uma forma, mas a reverência, a ligação é muito profunda pra todos, então eu fiquei muito influenciado por isso. Eu fiz essa opção de dar continuidade aos meus estudos, no campo da antropologia, dos estudos étnicos e pude viver essa experiência da observação participante que eu tentava ouvir muito, tentava também sempre dar voz a eles, tentava me anular, anular meus julgamentos, o que eu já conhecia do mundo, tudo aquilo que eu carregava comigo não importava naquele momento. O que importava era a forma como eles viam o mundo, a relação deles com a terra e tudo que dizia respeito a eles. Depois é que eu percebi que na literatura, pra escrever, a gente precisa ter um olhar etnográfico, antropológico, no sentido figurado. Eu passei 20 anos, com intervalos, sempre imaginando esses personagens, depois com o meu trabalho de campo elas foram ganhando outras nuances e aí eu percebi que nesse trabalho ficcional a gente fica meio que como um antropólogo entre os personagens, conhecendo eles, ouvindo suas histórias de maneira metafórica e quando você sente que já está pronto, aí é que você vai pro caderno, pro computador e escreve essa história. Então a observação foi muito importante pra tudo. E eu sou muito observador, acho que o meu universo interior é povoado de muitas histórias, que é muito rico por isso, por essa curiosidade nata.

Entrevistadoras: Em *Torto Arado* a morte está muito presente, não apenas na “morte morrida”, mas de maneira simbólica, como a terra infrutífera, a infertilidade. No entanto, também existe um contraste muito intenso com as manifestações de vida e de luta para permanecer vivo e ter uma vida digna. Como você enxerga essa relação de morte e vida na centralidade da obra?

Itamar Vieira Jr. A vida são polos opostos. Acho que talvez por isso a história seja protagonizada por duas irmãs, que, embora não sejam opostas, guardam uma diferença entre si. Enquanto uma vai embora pra tentar mudar a vida da família, a outra se agarra à terra porque acha que a mudança passa por isso, por esse amor à terra que ela tem e não consegue explicar. Então esse duplo sempre vai permear a nossa vida. Em relação à morte, ela tem muitos significados: para alguns é o fim de tudo, para outros é apenas um ciclo que se continua, tudo que morre vive e por assim vai. Por exemplo, o Pantanal queimou muito esse ano e se você chegar hoje, que já começou a chuva, você já tem a vida brotando ali, muito incipiente ainda, mas ela já está ali, se renovando. Então, onde existir a morte, a vida vai ocupando esse espaço. Em *Torto Arado*, quando a casa que a família morava se desfaz, tem um momento que a Belonísia observa que daquele barro, que eram as paredes que desmoronam e vão ao chão, ela vê coisas brotando, ela vê flores, vê ervas e eu acho que é

sempre isso, não a morte como um fim, mas como uma ponte para iniciar um novo ciclo. Os animais morrem e se a sua carcaça continuar ali na terra, outros animais vão se alimentar, aqueles ossos vão se desintegrar com o tempo e aquela matéria passa a fazer parte do que nasce, do que vive, as plantas que nascem sobre aquilo, assim é conosco. Acho que não dá pra gente falar sobre a morte sem falar sobre a vida, que é o oposto. Assim como na história, as personagens não têm consciência plena sobre isso, mas é muito marcada pela vida dos ancestrais e por isso que eu acho que a última narradora, a Santa Rita Pescadeira, consegue levar a história para esse momento. Tem uma parte quando a Belonísia fala a palavra “arado”, que ela fala assim: “é como se eu gritasse tudo que as minhas ancestrais, a minha vó, Donana, as avós que eu não conheci que vieram antes de Donana”, é um ciclo, a vida delas não começa nem acaba com elas. Como eu acredito, a minha vida não começa nem acaba comigo, eu ando com os pés dos que vieram antes, dos meus antepassados e assim será.

Entrevistadoras: Sobre o jarê: para os praticantes da religião, as pessoas não morrem, elas encantam. Você teve a oportunidade de entender melhor sobre a dinâmica da morte e suas simbologias para a comunidade que pratica o jarê?

Itamar Vieira Jr. Se você imaginar, tudo que eles falam faz um tanto de sentido, porque nosso corpo é feito de matéria, átomos, moléculas e quando a gente morre tudo isso se desintegra, mas os átomos continuam intactos, se transformando, as moléculas vão se transformando em gases, em adubo e tudo isso vai voltando pra natureza e de alguma forma vai ressurgir nas coisas que estão. Porque passa a chuva, passa a água, passa o rio e carrega aquele tanto de matéria, então a árvore vai se alimentar daqueles átomos que foram do corpo de um animal ou do corpo de uma pessoa e faz todo sentido imaginar que o rio, a árvore, o solo, carregam um pouco da vida dessas pessoas. É algo bonito, parece algo fantasioso, mas se a gente for olhar cientificamente, faz todo sentido também. Eu me interessei pelo jarê principalmente por ver que, em muitas comunidades, era um laço de solidariedade horizontal que transformava pessoas de origens distintas, de lugares diferentes, e que não eram da mesma família, em parentes. Vamos pensar na realidade da Chapada: hoje não mais porque é uma região turística, mas foi por muito tempo um rincão remoto, não havia médicos, não havia hospitais, não havia nada e se alguém adoecia só podia contar com as habilidades de um curador e era sempre aquela pessoa que passava por um processo de loucura na juventude e se curava pelas mãos de outro curador e ele se atribuía esse dom também. Ele considerava que por ter sido cura-

do, ele guardava esse dom e como forma de agradecimento, ele praticava o jarê, praticava aquelas crenças entre as pessoas pra ajudá-las. Então eles eram profundos conhecedores de ervas, de cantos, de rezas, tinham esse diálogo com o lado místico da crença, com os Encantados ou Caboclos. Uma pessoa que precisa dos préstimos de um curador ou de uma curadora, se ele se cura, como agradecimento, passa a ser um filho de santo daquele curador, é o pai ou a mãe que tem a mão na cabeça desse filho que ele ganha mais tarde por conta dessa relação de parentesco e solidariedade que a própria crença estimula, então meu interesse veio daí. Eu pude frequentar muitas casas de jarê, ouvir histórias de lugares que não têm mais a casa, mas as pessoas guardam a memória do jarê. Eu pude também, me aprofundando nas pesquisas do doutorado, ler pesquisas sobre o jarê, que não são muitas, mas existem. Mas o que me atraiu de imediato no jarê foi ver como um povo tão sofrido, que está em uma situação de extrema vulnerabilidade, numa relação precária com a terra, numa relação de exploração de trabalho, como o jarê pode ser esse laço, essa solidariedade, que os protege de algo pior, os protege de investidas de latifundiários, de fazendeiros, o meu interesse foi entender justamente como o jarê cria essa rede de solidariedade a partir de um parentesco religioso que parte de uma crença em comum. Embora eu não tenha encontrado ninguém que pratique o jarê, que diga “minha re-

ligião é o jarê”, todos dizem que são católicos, mas a crença existe e é muito forte ainda.

Entrevistadoras: O último capítulo é narrado justamente por uma entidade do jarê, que é a Santa Rita Pescadeira. Conta um pouco sobre a história dessa personagem e como você se conecta à sua ancestralidade.

Itamar Vieira Jr. Ela é uma Encantada que existe no panteão dos Encantados do jarê, mas eu não encontrei quase nada de informação sobre ela. E eu queria saber mais sobre como ela dançava, como cantava, para que ela chegava, a quem ela atendia. Ninguém sabia. Num dos lugares em que eu estive, me disseram que a última pessoa que recebia Santa Rita havia morrido há muitos anos. Então não tinha como saber dela. Por um lado, é a tradição que vai sendo esquecida, mas por outro, literariamente, me deu uma personagem interessante, porque era um personagem vazio, que eu só sabia o nome, não sabia nada e pude imaginar muitas coisas: pude imaginar que é uma área que não tem mar, então esse “Pescadeira” deve ter uma relação com o rio, pude imaginar a forma como ela dançava movimentando os braços como se fossem ondas, como se fosse o próprio rio, lançando uma rede de pesca para apanhar a desgraça dos personagens, ninguém me disse que ela dançava assim, foi uma criação literária. Nada disso foi me dito, tudo foi imaginado. Acho que foi

interessante por isso, ela não era uma personagem pronta. Talvez fosse mais difícil de escrever se fosse um Oxóssi ou se fosse uma Santa Bárbara narrando essa parte porque sobre eles eu já sabia muita coisa, inclusive já os vi se manifestando num barracão de jarê. E a Santa Rita não, já é algo da tradição que está se perdendo. É possível que daqui a uma ou duas gerações ela não exista mais, então, pra mim, literariamente, era uma oportunidade de dar vida a essa personagem que está sendo esquecida nesses lugares. Ainda que não tenha o poder de perpetuar entre eles, na vida deles, na literatura ela fica ali, fica registrada.

Entrevistadoras: Sobre a narração da história, o que te levou a fazer uso de três narradoras para conduzir o enredo? Por que mulheres e por que colocá-las em primeira pessoa?

Itamar Vieira Jr. Sobre o foco narrativo, a história é narrada a partir de três personagens diferentes. Isso é algo que eu já venho observando na minha literatura, que acontece com frequência. Eu não sei exatamente o porquê, mas eu diria que talvez seja porque eu acho que nenhum narrador é absolutamente confiável, então uma história só ganha vida quando ela é contada por muitas vozes, é uma coisa que eu penso. Uma coisa é você me contar as histórias da sua família, mas aí eu conheço sua mãe, seu avô e eles me contam do jeito que eles sabem,

juntando todas essas histórias eu vou ter um panorama menos apaixonado sobre o que vocês falam. Da mesma forma é na literatura. Eu sempre preciso que alguém fale a partir do seu lugar, a partir do seu ponto de vista, fazendo um contraponto ao que o narrador fala, é uma forma de escrever. E sobre as mulheres, isso é outra questão que eu acho que tem muitas respostas. Primeiro, eu vim de uma família em que as mulheres têm uma personalidade muito forte, são muito marcantes e eu cresci no meio delas: minha mãe, minhas avós, minhas tias, minha bisavó. Todas são personagens fortes, não no sentido de que são boas, maniqueístas como heroínas, são fortes à sua maneira, cada uma tem sua força e às vezes fazem coisas que doem, que machucam. Eu até brinco que os homens são sombras pálidas delas. A outra questão é que eu vivi, nasci e cresci em Salvador, que é uma cidade que a maior parte da sua população, por ser de origem africana, tem uma grande predominância da etnia Yorubá aqui. É uma cidade bem interessante nesse aspecto. Eu tive contato com uma antropóloga americana chamada Ruth Landes que veio pra Salvador no fim dos anos 30 pesquisar o candomblé e ela viu uma coisa muito interessante que é a linhagem do matriarcado entre as casas de santo, as casas de axé que eram regidas por mulheres. A ialorixá é a sacerdotisa, o equivalente pra homem é babalorixá, mas Salvador é uma cidade com muitas ialorixás, elas predominam. A Ruth Landes

escreveu uma tese chamada *A cidade das mulheres* em que ela fala sobre esse poder muito interessante que a mulheres, numa sociedade patriarcal, têm, e ela tá falando especificamente dos terreiros, porque é o paradoxo que está em jogo: numa sociedade machista e patriarcal como a nossa, como mulheres conseguem lugar de poder. Em relação a *Torto Arado*, quando eu pensei nessa história na Chapada Diamantina, sobre comunidades quilombolas, a mulher tinha um protagonismo muito forte. Em todo esse tempo que eu trabalho como servidor público, encontrei muitas mulheres presidentes de associações, muitas mulheres lideranças de sua comunidade, eu arrisco a dizer que elas são maioria nesse segmento. Então pra mim seria muito estranho narrar uma história sobre uma comunidade quilombo-la que fosse protagonizada por um homem. A não ser que esse homem falasse das mulheres, porque elas têm esse protagonismo e daí não tinha outro jeito, não tinha como escapar. Talvez eu pudesse ter narrado em terceira pessoa, mas eu decidi narrar em primeira pessoa. Em primeira pessoa tem uma coisa muito radical, a gente pode adentrar os pensamentos do personagem, pode chegar mais perto dos sentimentos, é algo diferente escrever desse jeito. E como era uma história muito visceral pra mim, pras personagens também, eu achei que era melhor escrever em primeira pessoa e fui fígado por isso. Embora na última parte, como a Santa Rita não tem

uma existência humana, é a única que é narrada em primeira pessoa, mas tem capítulos em terceira pessoa que você não sabe quem está narrando, eu me permiti essa experimentação estética. E a literatura é isso, tem essas possibilidades que fazem a gente brincar, conosco, com os personagens, e dar muitos pontos de vista para o leitor também.

Entrevistadoras: Uma das protagonistas tem a língua cortada e o silenciamento acaba sendo um imperativo. Pra você qual a importância das palavras? E o silêncio?

Itamar Vieira Jr. Quando eu pensei no silêncio da Belonísia, eu pensei no silêncio ancestral que essas comunidades viveram durante muito tempo e é um apagamento muito forte e muito brutal. Eu tenho ascendência negra e indígena e durante muito tempo na família se falava “sua bisavó foi pega no mato. Era índia”, mas não passava daquilo a história. Era uma história apagada, ninguém sabia. A parte que tem ascendência africana na minha família, ninguém sabia de onde veio. A África é um continente, existem muitas etnias, muitos grupos, diferentes culturas, é um mundo. Eu não podia dizer de onde eles vieram, se vieram da Nigéria, se vieram da Costa da Mina, se vieram de Angola, ninguém sabia sobre isso. Eles chegaram sem documentos, chegaram aqui como coisas, como objetos e como bens, era assim que eles estavam registrados nos inventários dos senhores.

Eu também tenho uma origem portuguesa, meus trisavós vieram para Salvador em 1914, de navio, eram analfabetos, pobres, viviam no campo, no norte de Portugal, a filha casou com um homem negro, meu avô Zeca – daí que vem o nome do personagem –, que era um homem muito erudito, tocava piano, sabia solfejar música, escrevia em partitura, ele matriculou as filhas para ter aula de piano em casa. Era um homem negro e daí você imagina o quanto de apagamento ele deve ter vivido e sobre suas origens. Eu te contei a história dos portugueses, eu sei mais ou menos de onde vieram, eu sei o nome e sobrenome deles e dos outros isso não existe. Daí a minha vontade de contar essa história e de perceber que existem muitos silenciamentos. E eu, em busca das minhas origens, encontrei esse silenciamento principalmente naqueles grupos que eram mais vulneráveis. Embora meus trisavós fossem muito pobres e analfabetos, eles vieram da Europa, então mesmo que seja uma história em que ainda há muitas lacunas, sabíamos da origem deles e dos outros nós não sabemos, porque chegaram em condições muito adversas aqui. Eu imaginei essa personagem vivendo esse silêncio, que é um silêncio que é meu também. Primeiro eu comecei a contar essa história a partir da morte do pai, do Zeca Chapéu Grande, e já era a Belonísia que contava essa história e eu já sabia que ela era muda, só o leitor que não sabia até o momento. Mas depois quando eu já tinha umas

50 páginas escritas, eu disse “agora eu vou contar como a Belonísia” ficou muda. Eu me lembro que escrevi o primeiro capítulo e li para algumas pessoas e as pessoas ficaram muito curiosas para saber o que viria depois. Quando eu vi essa curiosidade, decidi que esse era o primeiro capítulo, porque é uma boa forma de prender o leitor na história e depois vem o mistério, a gente não sabe exatamente quem perdeu a língua, é toda uma construção narrativa que tenta não dar pistas ou dar pistas falsas sobre quem perdeu a língua. São formas de trazer o leitor para o centro da história e fazer com que ele goste e sinta vontade de continuar. Aí não tem nada de novo, os grandes escritores fizeram isso, as pessoas que narram histórias fazem isso, eles contam desse jeito, pode ser o homem mais simples, nosso avô, nossa avó, o trabalhador do campo, ele sempre conta uma história tentando chamar a atenção e às vezes se utiliza de artifícios pra prender a nossa atenção, daí eu acho que veio a inspiração pra escrever desse jeito também.

Entrevistadoras: E o título, de onde surgiu a ideia para *Torto Arado*?

Itamar Vieira Jr. O título foi na minha primeira versão, que eu escrevi em 96, na máquina de escrever. Eu tinha lido muita coisa e sempre fui um leitor voraz e uma das coisas que eu li que me impressionou muito foi *Marília de Dirceu* do poeta Tomás Antônio Gonza-

ga e há um verso, que eu já não lembro muito bem, mas que fala algo como “o frio ferro do torto arado” e aí eu lembro que estava escrevendo a história e a expressão “torto arado” ficou muito marcada e eu acho que é uma expressão que fala de permanências, que tem tudo a ver com a história. Quando eu comecei a narrar o livro, já na segunda versão, essa que a gente conhece, eu comecei com outro título e não estava muito seguro. Quando estava lá pela metade da história, eu disse “não, o título dessa história é ‘Torto Arado’, aquele mesmo título, tem tudo a ver com o que eu estou falando”. E aí a história veio. Eu queria algo que simbolizasse as permanências, então o arado que há na Fazenda Água Negra deduz-se que foi um arado manejado por trabalhadores escravizados e os ancestrais espirituais daqueles trabalhadores que estão ali e que vieram de lugares diferentes. E o arado da Belonísia, o arado velho, o arado torto, o arado enferrujado, é um arado que está lá desde o século passado, que vai rasgando a terra. Eu queria um objeto, algo que simbolizasse essas permanências e eu achei o arado bem marcante. E a gente pensa num arado manejado por um animal ou por uma pessoa, você vê, a terra tá ali toda direitinha e ele sai rasgando tudo, vai abrindo sulcos na terra, passa uma imagem forte.

Entrevistadoras: Uma coisa muito marcante em *Torto Arado* é a (infeliz) atemporalidade da obra. Po-

deria ter sido escrito e ambientado num Brasil do final do século XIX como no atual Brasil do século XXI. Pouca coisa mudou. Como você vislumbrou essa questão temporal?

Itamar Vieira Jr. O livro dá algumas pistas. Eu acho que o leitor deve ser desafiado sempre, a gente não deve entregar as coisas fáceis. Eu gosto muito disso. Quando elas são pequenas e acontece o acidente, elas viajam numa Ford Rural, que você ainda encontra hoje no interior do Brasil, mas não é tão comum, foi muito comum na década de 60, 70. Quando Severo morre, eles já não andam no lombo de animal, ele e a Bibiana estão numa moto, ou seja, se aproxima dos nossos dias, porque se você andar pelo sertão hoje vai ver muita motocicleta, as pessoas já quase não usam animais de carga. Então, como eu pensei a história: ela começa em meados dos anos 60 e vai até os anos 2000, ou seja, pega cerca de 40 anos da vida das personagens, mas eu não queria que estivesse escrito desse jeito. O pai da Belonísia e da Bibiana, o Zeca Chapéu Grande, sai da Fazenda Caixangá na Grande Seca de 1932, que é a única data que tem no livro, que fala de uma grande seca que houve no Nordeste que durou cinco anos, ela foi até 1937 e foi um evento marcante. Então, todo lugar que você chega do Sertão, seja do Ceará à Bahia, as pessoas vão lembrar da Seca de 32. Ele é um adolescente quando sai, uns 17 anos, e migra pra Fazenda Água Negra e consegue morada. Uma coisa que me

fez pensar em dar pistas e não os fatos em si foi que quando eu cheguei no campo, em 2006 e até os dias de hoje, eu encontrei muitos trabalhadores vivendo em regime de servidão nas fazendas. E foi o que me chocou muito, porque eu achava que aquelas obras que eu li de 30 e 45 eram parte do passado, que aquilo não existia mais. E eu fiquei muito chocado quando eu descobri que aquilo ainda era muito presente. Eu queria contar uma história que provocasse essa estranheza no leitor: “Ele tá falando do passado, do período pós-abolição? Ou é algo que se aproxima dos nossos dias?”. Tem um momento que eles contam que em Água Negra chega antena parabólica, que não tem energia elétrica, mas tem TV, eles energizam baterias de carro para poder assistir TV. A Bibiana quando começa a cavar o fojo, ela coloca a mão na água gelada, ou seja, já tem uma geladeira. Eu queria que a história tivesse esses ganchos, essas pistas, mas uma história que fala de permanência não pode entregar de imediato em que tempo ela se passa, eu deixei esse desafio para o leitor.

Entrevistadoras: Como você imagina as narrativas sobre a questão agrária e o próprio sertão daqui a 100 anos? Você acha que ainda vai haver muitos “Tortos Arados” ao longo do nosso futuro?

Itamar Vieira Jr. Eu sou uma pessoa otimista, espero que não. Espero que essa história esteja no passado. Que as narrativas sobre o campo daqui a 100 anos

sejam sobre os problemas existenciais mesmo, das classes médias, quem sabe. Que essas pessoas sejam donas da terra e da terra, eu falo: do seu lugar, do seu território. Que elas já tenham direito à educação, direito a muitas coisas. Que já não vivam o racismo e a violência. Espero que as histórias daqui a 100 anos sejam sobre outras coisas das vidas delas. Acho que as questões existenciais nunca vão nos deixar, porque isso é algo intrínseco à nossa natureza humana, mas espero que não sejam mais histórias de violência, de sofrimento, de medo, de desigualdade.

Entrevistadoras: Muita gente tem situado o romance dentro do gênero do realismo mágico. Você também o enxerga dessa maneira?

Itamar Vieira Jr. Não, embora eu reconheça o peso que o realismo mágico tenha no imaginário do leitor principalmente pelos escritores latino-americanos que colocaram em evidência esse subgênero literário. Se *Torto Arado* parece mágico é porque eu tive a preocupação de narrar essa história a partir da vida das personagens, então para aquelas personagens, falar de um Encantado, falar desse mundo, não é nada mágico, é algo que faz parte do cotidiano, da realidade, assim como eu observei muitas pessoas que praticam o jarê, aquilo faz parte da realidade. Mas eu compreendo quando os leitores, os críticos colocam isso. É uma referência o realismo mágico, mas eu não costumo situar assim. Eu lembro mui-

to do Gabriel García Márquez que também refutava essa tese do realismo mágico e dizia “não tem nada de mágico, eu só escrevo realismo. Vocês é que não conhecem a América Latina”, eu acho que é isso, precisa conhecer para poder pensar que é diferente.

Entrevistadoras: Qual a importância da literatura na sua vida? Como leitor e como escritor.

Itamar Vieira Jr. Eu tenho uma relação com a literatura muito visceral, que é uma coisa que não consigo explicar. Eu venho de uma família que não lia muito. Hoje meus irmãos leem, acho que muito por influência minha; minha mãe e meu pai liam jornais, mas não eram de ler literatura. Foi algo que foi muito espontâneo, talvez essa vontade de contar história, de criar história e de se reconhecer nos livros que lia, eu acho que essa coisa de criar ficção é muita humana, não pertence só a Itamar, pertence a todos. O Yuval Harari é que conta muito isso naquele livro *Sapiens*, que na revolução cognitiva, nos diferenciamos dos outros animais pela capacidade de elaborar ficção e o que ele chama ficção era a fofoca no começo, era o que um falava e criava sobre o outro de forma a proteger seu bando, seu grupo e por assim vai. A ficção é algo que faz parte da nossa vida. A minha relação com a literatura é algo que eu não saberia muito bem como definir, mas é uma relação de muita vida, porque eu acho que a minha vida só não basta, então eu amo ler, eu adoro fazer esse des-

locamento, me colocar no lugar do outro, dos personagens, viver aquela vida. A literatura nos provoca, é um instrumento poderoso pra nos deslocar para o lugar do outro, criar empatia, viver a vida do outro, vida que nunca viveríamos, mas a gente consegue ter compaixão, consegue ter raiva, consegue viver esse sentimento. Acho que a minha vida só não basta, eu preciso de livros, seja lendo, que eu gosto mais de ler, seja escrevendo. Porque a gente sente vontade de criar mundos também, é a síndrome do Criador, todo mundo tem um pouco dessa síndrome de Deus. É como Gênesis, ele começa criando o mundo e vai povoando aquele mundo de animais, de vegetais, de humanos, é mais ou menos isso.

Entrevistadoras: Os críticos apontam que a tua obra já nasce um clássico e as grandes premiações reiteram a importância de *Torto Arado* para a nossa literatura. Qual você acredita ser o maior legado do teu livro?

Itamar Vieira Jr. Eu não imaginava que nada disso poderia acontecer, então eu não sei muito bem falar sobre clássico, sobre esse sentimento que as pessoas têm dito. Pra mim clássicos são aqueles que já foram lidos e estudados por especialistas e aí a gente tem muitas referências. Que são questionáveis também, né? Porque se você for olhar, procure um clássico livro africano. Hoje já está se construindo esse cânone, mas durante muito tempo não houve, tem

livros que passaram despercebidos, mas se você for ler hoje vê uma importância histórica e estética também, porque a literatura é isso também, estética, como arte, como fruição. Eu não conseguiria falar sobre isso, sobre clássico. Mas eu li uma entrevista da minha editora em Portugal, a Maria do Rosário Pedreira, que foi a primeira a trabalhar com esse livro, a ler o livro, a editar o livro, e ela falando que vê em *Torto Arado* elementos que perpassam as obras ditas como universais, a luta pela sobrevivência, o direito à terra. Como ela é uma editora que já trabalhou com muitos autores, ela lê o dia todo, ela edita livros há mais de trinta anos, então eu costumo confiar no que ela fala, mas eu não seria capaz de dizer. Acho que precisa de um tempo pra gente saber se o livro fica ou não.

Entrevistadoras: Por fim, *Torto Arado* certamente será lido e trabalhado futuramente nas escolas do nosso país. Qual a mensagem mais importante para passar com a obra aos jovens leitores?

Itamar Vieira Jr. Eu não saberia dizer o que eu gostaria que passassem para os alunos, mas eu posso falar do lugar que eu escrevi, como eu escrevi esse livro... Trabalhando muitos anos entre camponeses, quilombolas, indígenas, ribeirinhos, trabalhadores assentados, eu fui instado a ouvir o que eles falavam, as suas narrativas de vida, as suas histórias. Quando eu penso numa coisa que me mobilizou a retomar

esse projeto que era antigo e escrever *Torto Arado* do jeito que ele é hoje, eu precisava fazer um resgate de toda aquela paixão pela terra que me foi passada por eles. Eu já disse isso algumas vezes, mas digo de novo, pode parecer clichê, meio *démodé*, mas eu escrevi esse livro como se estivesse tentando capturar uma história de amor pela terra, que me foi contada por essas pessoas. Era um registro dessa história de amor, que me foi dita oralmente por inúmeras pessoas, e eu queria dar uma forma a essa história de amor, transformar numa carta. Acho que esse é o sentimento que me moveu a escrever. Talvez seja um bom sentimento que mobilize a leitura do livro por alunos e por professores.

Referências

VIEIRA UNIOR, Itamar. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019.